

MUITO MAIS QUE UMA ESTRUTURA FÍSICA: COMO OS/AS ALUNO/AS DA EJA VEEM A ESCOLA

Antonio Vilas Boas

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade, professor-assistente da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV. avilas@uneb.br

**EIXO TEMÁTICO: SUJEITOS DA EJA: INCLUSÃO, DIVERSIDADE E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS.**

MODALIDADE: Comunicação Científica

INTRODUÇÃO

Para muitos ela é um espaço físico composto por corredores longos, alguns pavilhões, salas de aulas, carteiras escolares, mesas de professores, quadro de giz, além de outros elementos que definem a sua paisagem e que levaram homens e mulheres a, convencional e historicamente, denominá-la de “escola”. É dessa instituição que são forjadas outras identidades do/as sujeito/as que ali comparecem diariamente visando realizar as atividades propostas e que, imagina-se, contribuirão para alicerçar as suas futuras investidas. Tudo, naquele espaço, diverso por natureza, parece desenvolver-se de forma homogênea, segundo os padrões estabelecidos e seguidos pelos seus atores: a farda é a mesma; o som da campanha é único e repetido à exaustão ao final de cada aula; os horários de início e término das aulas obedece a uma sequência de minutos cronologicamente cronometrados e, por fim, as avaliações não apresentam diferenças quando feitas para uma mesma série, etc. Ou seja, a Escola-moderna, predominantemente, vê e tenta constituir “o aluno/a”, gestando uma “imagem clássica” (FÁVERO-SOBRINHO, 2010), dotado de uma identidade iluminista. (HALL, 2006).

Nesse espaço, complexo por natureza, contudo, os/as personagens que se sentam naquelas carteiras, geralmente enfileiradas, (re)constroem, através das práticas e experiências ali protagonizadas, as suas impressões sobre a instituição que frequentam. Fazem isso de maneira direta, afirmando que a “escola é boa”; “que ela proporciona conhecer outras pessoas”, ou indiretamente, através de manifestações que expressam familiaridade, prazer, gratidão, insatisfação, revolta, desconforto etc. Esses olhares, advindos de atores predominantemente adultos, estudantes do turno noturno, nos levaram a investigar o que ele/as acham, pensam e imaginam da sua comunidade escolar, considerada no todo e não somente aspectos físicos. Os resultados dessa incursão aparecem nas páginas abaixo e mostram a diversidade de representações sobre tal espaço.

O presente trabalho pode ser considerado como um estudo de caso, pois privilegiou determinada instituição escolar e, dentro dessa, duas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda ampliando o recorte, elegemos somente os alunos e alunas que conseguiram concluir o curso e obtiveram aprovação final. Em relação à sua abordagem, salientamos o seu caráter qualitativo, algo, contudo, que não excluiu a possibilidade de utilizarmos-nos de práticas consideradas, no âmbito das pesquisas, de

quantitativas, como tabelas, gráficos, dados quantificáveis, mas classificamo-la como qualitativa em razão de utilizarmos dados, informações “[...] difíceis de medir pelo grau de subjetividade presente nos fenômenos que estuda, já que geralmente são fatos da vida psicossocial, fatos em que encontramos uma determinação subjetiva forte”. (DIAZ, p.117). Para efeito didático, o texto apresenta, inicialmente, o conceito de representações e, em seguida, os dados da pesquisa.

REPRESENTAÇÕES: pensando o conceito

Representação é uma expressão advinda do latim “*repraesentare*” e significa “fazer-se presente” ou “apresentar-se de novo” (MAKOWIECKY, 2003, p.4). Subentende-se que seria como alguém substituir um/a outro/a, quando nos referimos a sujeitos e sujeitas. Pode ser, também, uma troca feita através de objetos, símbolos, ideias etc. “Em Roma e em outros lugares, eram construídas imagens dos imperadores ou reis falecidos, pois a *imago* era considerada equivalente dos ossos”. (MAKOWIECKY, 2003, p.4). Mas, a representação não apenas toma o lugar do ausente, mas torna mais perceptível a sua presença. Assim sendo, ela não se ocupa do inexistente, passando a representá-lo, mas a enfatizar o que é presente.

Quando comparadas com a realidade, as representações não se constituem como cópia delas (PESAVENTO, 2012, p.40), mas construções que emergem a partir das interações estabelecidas e das imagens advindas, daí o surgimento do imaginário, outra maneira de manifestação das representações, ou seja, “[...] um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. (PESAVENTO, 2012, p.40).

COMO ALUNOS E ALUNAS DA EJA VEEM A ESCOLA QUE FREQUENTAM

As imagens e ideias criadas pelos alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Colégio Estadual de Conceição do Jacuípe-Bahia, turno noturno, emergem a partir do contato que eles e elas estabelecem com os seus pares, com os professores, com os servidores - principalmente aqueles que se ocupam da merenda escolar - e pela equipe gestora da instituição, geralmente constituída pelo diretor ou diretora, coordenador/a e vice-diretor/a.

Para termos acesso a essas representações, pedimos que, através de um questionário, os alunos/as respondessem a vinte questões previamente elaboradas. A última delas questionava a forma como o aluno/a via a escola que frequentou durante todo o ano letivo. Mais especificadamente, perguntamos: o que é a Escola para você? Não formulamos alternativas que pudessem ser assinaladas, optando, assim, por deixar o entrevistado livre para expressar as suas impressões.

A análise das respostas tomou como aporte teórico-metodológico a “Análise de Conteúdo” de Lawrence Bardin (2011), pois entendemos, tal qual a autora, que “[...] por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (BARDIN, 2011, p.21). Confeccionamos, em seguida e a partir do processo de categorização, uma tabela com trechos das respostas, constituindo-se as nossas unidades de análises (CAMPOS, 2004).

QUADRO 1 – Processo de categorização e de constituição de unidades de significados das respostas dos alunos e alunas da EJA, sobre o sentido que atribuem à Escola.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO
Escola e seus múltiplos papéis	Escola como espaço de aprendizagem	A escola é um aprendizado para todos nós. Sem a escola, nós não aprendemos nada. (E1)
	Escola como espaço que prepara para o futuro	A escola é o nosso futuro. Sem o estudo nós não somos nada. (E1) É um local onde está o futuro da humanidade. (E2) É na escola que eu vou decidir o meu futuro. (E3).

Fonte: Questionário elaborado pesquisador

Elaboração: Antonio Vilas Boas

O sentido da escola para muitos dos estudantes está relacionado com o seu principal papel que é o da promoção da aprendizagem. Os sujeitos e sujeitas a procuram com a crença de que lá conseguirão construir determinados conhecimentos. Em alguns casos, essa concepção coloca a escola como o único lócus das aprendizagens, excluindo outros espaços. À busca pelo conhecimento, nas unidades escolares, encontra-se presente outro sentido construído pelos alunos e alunas da EJA: o da garantia de um futuro melhor. E1, por exemplo, diz que sem o estudo “nós não somos nada”. “Estudo” nesse caso está relacionado aos conteúdos trabalhados nas aulas realizadas em espaços escolares. Para outros, como E3, é no ambiente escolar que ela terá oportunidade de decidir o seu futuro. Atribui-se à escola um papel determinante na condução das suas vidas, bem como há uma supervalorização dessa instituição.

Além da promoção das aprendizagens e de um lócus definidor de futuros, a Escola é vista, por muitos alunos e alunas, como um espaço de difusão das sociabilidades. E4, por exemplo, afirma que “fez amizades tanto com os colegas, quanto com os professores”. Por ser um espaço de encontro e das mais diversas culturas, os alunos e alunas vão aos poucos se identificando com os seus pares. Esse ajuntamento e formação de grupos tem alguns critérios, como os interesses em relação a colaborações quando das dificuldades de aprendizagens; participação nos trabalhos em grupos, dentre outros. Há situações, contudo, que há distanciamentos e as interações ficam restritas aos cumprimentos formais, como uma saudação de “boa noite”, etc. Por fim, mas não menos importante, a Escola é vista como parte da própria família da estudante ou do estudante. A identificação, nesses casos, parece ultrapassar o objetivo de aprender os conteúdos ali socializados: cria-se uma relação de afetuosidade.

CONCLUSÃO

Não se trata, apenas e tão somente, de prédios com paredes, janelas, corredores etc. As unidades escolares para o/as aluno/as que as frequentam têm outros significados e esses são construídos diariamente através dos processos ali estabelecidos entre os



diversos sujeitos/as e aqueles espaços. Emergem daí sentimentos os mais diversos possíveis e que, como marcas, acompanharão o/as aluno/as por todas as suas vidas.

Palavras-chave: Escola; Sentido; EJA; Estudantes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

DIAZ, Félix. CONTRUINDO UMA QUASE CARTILHA PARA PESQUISAR: a, b, c... In: MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; ROCHA, José Cláudio. (Orgs.). **Cognição: aspectos contemporâneos da construção e difusão do conhecimento**. Salvador: EDUNEB, 2016.

FÁVERO SOBRINHO, Antonio. O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. I Seminário Nacional: Currículo em movimento – perspectivas atuais. **Anais**. Belo Horizonte, novembro, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. nº 57 – dezembro, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.